



第17回 国際士官候補生会議

平成26年3月5日

The 17th International Cadets' Conference

5 March 2014

BRASIL, JAPÃO E AS RELAÇÕES INTERNACIONAIS: A CONFERÊNCIA INTERNACIONAL DE CADETES COMO CONECTIVO ENTRE AS PARTES

Aspirante Walmor Cristino Leite Junior

INTRODUÇÃO

Em março de 2014, tive a honra de representar o Brasil na 17ª Conferência Internacional de Cadetes, realizada na Academia de Defesa Nacional, situada em Yokosuka, Japão. Por uma semana, pude compartilhar experiências com Cadetes das dezessete nações que lá se faziam presentes, além de obviamente desfrutar do agradável convívio com os Cadetes japoneses. A visita à terra do sol nascente foi, certamente, marcante tanto no contexto profissional quanto no pessoal, despertando em mim uma grande curiosidade acerca deste país que é hoje a terceira maior economia do mundo.

Busquei informações e tomei conhecimento de diversas peculiaridades das relações Brasil-Japão, e percebo agora que, apesar da distância, temos muito em comum. Desta forma, antes de relatar minhas experiências em solo nipônico, julgo interessante dividir com o leitor alguns frutos de minhas pesquisas, através dos quais se pode construir uma singela base histórica que ajudará a entender os motivos pelos quais um jovem Aspirante partiu do Rio de Janeiro com destino a Tóquio. Discorrerei, também, sobre a conferência propriamente dita e as reflexões dela advindas.

HISTÓRICO

No dia 5 de novembro de 1895, Brasil e Japão, mediante a assinatura do Tratado de Amizade, Comércio e Navegação, firmaram o início de suas relações diplomáticas. No entanto, foi na primeira metade do século XX que tal relacionamento tomou forma. Já naquela época,

o Japão enfrentava dificuldades com a superpopulação devido a sua restrita extensão territorial, este fator, combinado com o grande aumento da demanda por mão de obra decorrente da abolição do regime escravocrata no Brasil, assinalava vantagens nesta possível parceria. A atracação do navio Kasato Maru no porto de Santos marcou o início do fluxo de imigrantes japoneses; começava, assim, a contribuição da cultura nipônica na sociedade brasileira, que foi interrompida com o rompimento das relações diplomáticas durante a Segunda Guerra Mundial.

A década de 50 representou um novo começo para este relacionamento, que a partir de então se tornaria cada vez mais intenso. Oliveira (1994) encontra, nos trabalhos que tratam dessa temática, dois ciclos de investimentos japoneses no Brasil. O primeiro ciclo ocorreu na segunda metade da década de 1950, durante o governo de Juscelino Kubitschek. O segundo sucedeu-se durante a década de 1970. Em 50, o desenvolvimentismo do Plano de Metas demandava uma grande quantidade de recursos. Nesse momento, o Japão, relativamente reconstruído, buscava diversificar seus investimentos para sustentar seu desenvolvimento econômico, garantir o fornecimento de matérias-primas necessárias à indústria e alcançar novos mercados consumidores. É neste ponto que as conjunturas brasileira e japonesa convergiram para um entendimento baseado na complementaridade comercial.

Durante a década de 60, a instabilidade política que culminou com a revolução de 1964 provocou um retrocesso no relacionamento entre os dois países. Posteriormente, com a criação da Zona Franca de Manaus, em 1967, os investimentos japoneses foram retomados, de maneira cautelosa, com o ingresso de diversas empresas do setor eletrônico e de motocicletas no país. Apenas durante a década de 70, o fluxo de investimen-



tos se recuperou. Segundo Aragusuku (2010), neste período nasceram diversas parcerias em projetos dentre os quais podemos destacar os seguintes: Cenibra, Pólo Petroquímico de Camaçari, Companhia Siderúrgica de Tubarão, Albrás, Alunorte, Nibrasco e Programa de Cooperação Nipo-Brasileira para o Desenvolvimento do Cerrado (PROCEDER).

RELAÇÕES BRASIL-JAPÃO HOJE

Em agosto do presente ano, foi realizada uma reunião de cúpula entre o Primeiro Ministro do Japão e a Presidente da República Federativa do Brasil. Neste evento, foi assinalada por ambos a intenção de aprofundar ainda mais as relações bilaterais. O intercâmbio entre os países foi um ponto muito comentado, tendo em vista a realização das Olimpíadas de 2016 no Brasil e, posteriormente, em 2020, no Japão, que se apresentam como mais um ponto de convergência entre as partes. No contexto econômico, a construção naval e a exploração de petróleo e gás natural apresentam especial destaque, a maior participação de empresas japonesas que detêm alta tecnologia e experiência nestes setores apresenta novas oportunidades.

Ciência, tecnologia, inovação e educação foram tópicos amplamente discutidos, visando reforçar a cooperação técnica em diversas áreas, tais como espacial e oceanográfica. A ampliação do programa Ciência sem Fronteiras, do governo brasileiro, com a criação de mais vagas em universidades nipônicas, bem como a promoção do ensino da língua japonesa no Brasil também foram comentadas como pontos importantes. O governo japonês também destacou a intenção de trabalhar em conjunto com o Brasil, em fóruns internacionais, em questões como o meio ambiente, mudanças climáticas, desarmamento e não proliferação

nuclear, segurança humana e a reforma do Conselho de Segurança das Nações Unidas.

Na área de Defesa, destacam-se a chegada do primeiro Adido Militar do Japão no Brasil, que se deu em setembro deste ano com a chegada de um Coronel, e a realização do primeiro intercâmbio de Cadetes japoneses no Brasil, evento no qual a Escola Naval recebeu dois Cadetes nipônicos do ramo Naval de suas Forças de Autodefesa, os quais tive o privilégio de acompanhar. Neste contexto, renovam-se as potencialidades deste relacionamento que completará 120 anos em 2015.

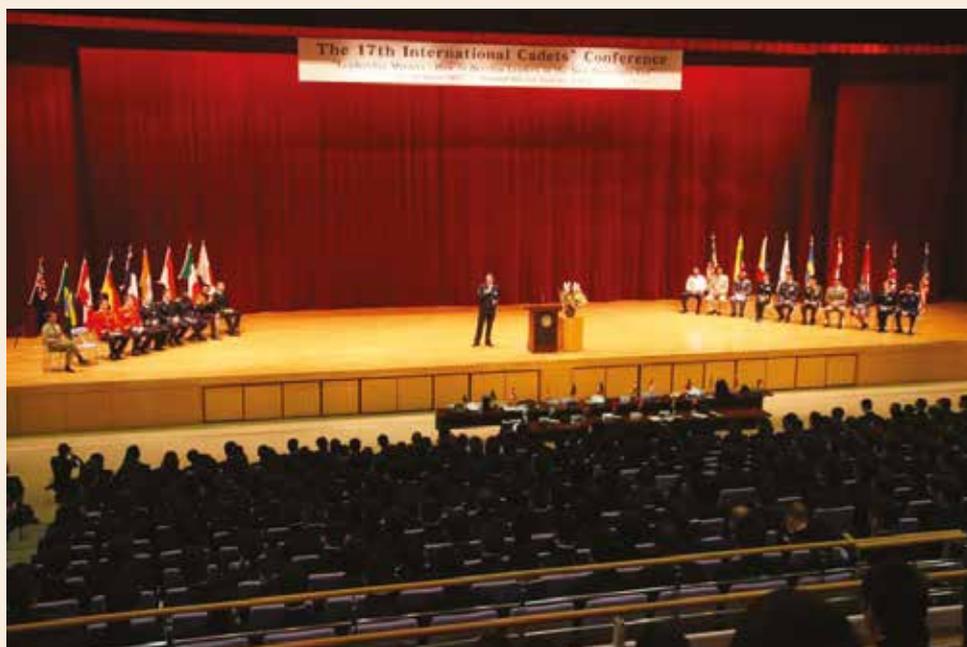
O JAPÃO E AS FORÇAS DE AUTODEFESA

Após a Segunda Guerra Mundial, foi assinado o Pacto de Assistência e Segurança Mútua, entre Japão e Estados Unidos, no qual ficava definido que aquele deveria manter forças de segurança terrestres e marítimas apenas para lidar com ameaças internas e desastres naturais enquanto os Estados Unidos seriam encarregados de prover a defesa contra ameaças externas, além da inclusão de um artigo na constituição japonesa no qual consta a renúncia nipônica ao direito de guerra e à manutenção de forças armadas. Com o passar do tempo, devido às necessidades locais, surgiu a necessidade de aumentar o efetivo das forças de segurança bem como de criar sua vertente aérea. Devido à constante preocupação em desvincular o aumento deste efetivo a uma possível militarização do país, utilizaram-se termos não militares para organização de função das forças. Desta forma, nasceram as Forças Terrestre, Aérea e Marítima de Autodefesa no lugar de “Exército, Marinha e Aeronáutica”.

Outra característica importante é a presença de civis nas cadeias hierárquicas destas forças, de modo a garantir o “controle civil” em ações de defesa. Como exemplo, podemos destacar a presença de um civil como presidente da Academia de Defesa

Nacional Japonesa, ao contrário de nossas academias militares. A experiência japonesa em guerras possibilitou a identificação de uma grande vulnerabilidade: desentendimentos entre os comandos das forças. Visando reduzir a incidência deste problema, foi criada a Academia de Defesa Nacional com o objetivo de fornecer a formação básica e proporcionar a integração entre todas as forças, fazendo com que Cadetes das vertentes aérea, marítima e terrestre se conhecessem desde a formação. O ingresso na Academia se dá por meio de um concurso público que avalia o histórico escolar além da nota propriamente dita, o curso tem a duração de quatro anos, nos quais o Cadete cursa um dos diversos cursos de ensino superior fornecidos pela Academia e recebe treinamento militar básico supervisionado por Oficiais das três forças.

De maneira semelhante ao que acontece na Escola Naval brasileira, os jovens Cadetes japoneses passam a integrar uma das três vertentes das Forças de Autodefesa a partir do segundo ano de academia, com a diferença de que esta escolha não é feita pelos próprios Cadetes, mas por seus Oficiais encarregados. Após a conclusão dos quatro anos, os alunos, já formados Oficiais das forças de Autodefesa, são encaminhados para um curso de um ano em Academias especializadas de suas respectivas vertentes. Além deste ano adicional, os Oficiais da força marítima fazem uma viagem de instrução nos moldes do Navio-Escola “Brasil”.





A CONFERÊNCIA

Este evento, idealizado pelo governo japonês, tem entre seus objetivos incutir nos jovens Cadetes o interesse por assuntos relacionados à defesa nacional e regional, como o nosso Congresso Acadêmico sobre Defesa Nacional, bem como proporcionar o contato com Cadetes de outras nacionalidades. O evento ocorre na janela entre o fim do ano letivo e a formatura da turma mais antiga presente na Academia, e é de caráter obrigatório, contando com a presença de Oficiais, Cadetes e autoridades civis. É importante citar o especial destaque dado a este evento pelo governo japonês, que o tem como um dos eventos mais importantes de seu calendário acadêmico. Participaram da Conferência os seguintes países: Austrália, Brasil, Canadá, França, Alemanha, Índia, Indonésia, Itália, Malásia, Myanmar, Filipinas, Coreia do Sul, Suécia, Tailândia, Tunísia, Reino Unido, Estados Unidos da América e Japão.

A conferência tem como língua oficial o inglês e teve, no ano de 2014, o seguinte tema: “Leadership Matters: How to Develop Leaders in the New/Uncertain Era”. No primeiro dia de atividades, foi proferida

uma palestra bilíngue (japonês/inglês), de um brigadeiro japonês, sobre liderança nas forças de defesa nacional do Japão. Durante os dias que se seguiram, fui responsável de apresentar aos aproximadamente mil e quinhentos conferencistas as particularidades da formação na Escola Naval do Brasil e discorrer sobre as peculiaridades do dia a dia de bordo, além de presenciar as diversas apresentações de Cadetes das outras 17 nações que se faziam presentes acerca dos mesmos assuntos. Particpei de um grupo de discussões com o tema “Cadet’s Life in the Military Academy”, em que discuti as particularidades de cada academia.

No fim de semana, houve o *tour* às cidades de Yokohama e Tóquio, com visitas aos pontos turísticos pré-determinados, tais como: Akihabara, bairro de Tóquio onde se localiza a principal zona comercial de eletrônicos; e o Templo Yakusune, o imponente templo aos japoneses mortos em guerras. Cabe citar a agradável surpresa que tive em relação à receptividade do povo japonês, que se demonstrou extremamente solícito para todo o grupo de Cadetes estrangeiros. Houve também atividades culturais tipicamente japonesas como o teatro “Noh” e a cerimônia do chá. O

encerramento envolveu uma apresentação da coordenação do evento contendo um resumo de todos os assuntos abordados, uma solenidade na qual todos os Cadetes estrangeiros fizeram agradecimentos e um coquetel de despedida.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Abordamos, de maneira bem resumida, como o relacionamento Brasil-Japão vem se configurando desde 1895 até hoje. Não poderia terminar este artigo sem comentar sobre a presença de japoneses no Brasil e vice-versa. Hoje este é o lar da maior comunidade nipônica em país estrangeiro e a comunidade brasileira é a terceira maior dentre as acolhidas em solo japonês. Compreende-se que os laços entre estes povos vão muito além de vínculos econômicos e técnicos, estando também presente no imaginário cultural de ambos. A presença brasileira na referida conferência traduz o interesse nipônico em estreitar ainda mais os laços com nossa grande nação, com o mesmo desejo a Escola Naval do Brasil recebeu no presente ano, pela primeira vez, Cadetes japoneses para um intercâmbio de curta duração. Fica cada vez mais clara a tendência de aproximação entre estas potências, que compartilham tantos interesses em comum.

Posso afirmar, com absoluta certeza, que o evento extrapolou todas as expectativas. Todos os Cadetes estrangeiros tiveram a oportunidade de pôr à prova suas habilidades de oratória em língua inglesa, tiveram

contato com diferentes culturas e pontos de vista, além da oportunidade de formar laços de amizade para toda a vida. Cito, neste artigo, as palavras do Cadete sueco em seu discurso de agradecimento: “Acredito que avançamos mais, em direção à paz mundial, que as duas Grandes Guerras juntas”, que traduzem sucintamente o sentimento do qual se reveste este grandioso evento. O Almirante James Stavridis, da Marinha Norte-Americana, diz, em seu discurso para o programa “TED Talks”, que a construção de muros, ou o isolamento, não impediram duas Grandes Guerras e que a construção de pontes, ou integração, é a chave para a paz mundial¹. Desta forma, pode-se entender a importância de eventos deste tipo, que possibilitam o contato de jovens de diferentes nacionalidades que têm grandes chances de ocupar posições de destaque em seus respectivos países.

Deixo aqui um especial agradecimento ao Comandante Costa Moura, Adido Naval no Japão, pela calorosa recepção e por todo suporte prestado, e da mesma forma não poderia deixar de agradecer ao Comandante André Silva, Imediato do Corpo de Aspirantes, por todo o esforço despendido para tornar realidade este evento que marcou minha vida. Não poderia deixar de agradecer também ao Cadete japonês/brasileiro Daniel Shimizu pelo acolhimento fraternal com o qual me presenteou.

¹ Disponível em: <http://www.ted.com/speakers/james_stavridis>. Acesso em: 26 out. 2014.

BIBLIOGRAFIA

ARAKUSUKU, J. A. S. Relações Brasil-Japão Durante o Governo Geisel (1974-1979). *Ciências & Letras*, Porto Alegre, n. 48, 2010, p. 97-116.

JAPÃO. *Reunião de Cúpula Japão-Brasil (Resumo)*. Disponível em: <<http://www.br.emb-japan.go.jp/bilaterais/8ago14.html>>. Acesso em: 06 out. 2014.

LEITE, A. C. C.; DANTAS, A. C. Cooperação Técnica Brasil-Japão e os Delineamentos em Torno da Política Externa Brasileira do Governo Lula. *Mural Internacional*, Rio de Janeiro, n. 1, 2013, p. 13-18.

PIMENTA, V. T. Na Terra do Sol Nascente. *Revista de Villegagnon*, Rio de Janeiro, n. 8, 2013, p. 105-111.

STAVRIDIS, J. A Navy Admiral's thoughts on global security. [jul. 2012]. Disponível em: <http://www.ted.com/speakers/james_stavridis>. Acesso em: 26 out. 2014.

YAMAMURA, R. J. H. *O Estabelecimento das Relações Brasil-Japão no Século XIX*. Brasília: UNB, 1991.